

MAPEAMENTO GEOLÓGICO DA REGIÃO DE GRANJEIRO (CE), TERRENO GRANJEIRO, PROVÍNCIA BORBOREMA, NORDESTE DO BRASIL

Cardoso, A. R.¹; Cruz, D. J. N.¹; Félix, W. Q.¹

¹Universidade Federal do Pará

RESUMO: Mapeamento geológico por litotipo, na escala de semidetalhe 1:25.000 foi realizado para o Terreno Granjeiro, no município homônimo, durante a disciplina Mapeamento Geológico II, ofertada pela Faculdade de Geologia da Universidade Federal do Pará. Foram reconhecidas sete unidades litoestratigráficas: 1) Metaultramáfica (*Agmuf*), que compõe lentes em gnaisses, concordantes com a foliação e composta por actinolitos e talco xistos; 2) Biotita Gnaiss (*Aggn*), gnaisses comumente milonitizados e migmatizados; 3) Muscovita Quartzito (*Agqt*), composta por quartzitos puros a ricos em muscovita; 4) Granada-Biotita Xisto (*NPImx*), que inclui foliação milonítica e porfiroblastos de granada; 5) Metaleucosienogranito (*NPImm*), composto por quartzo, álcali-feldspato e plagioclásio, com foliação incipiente e feições ígneas reliquias; 6) Granito Serra do Furtado (*NPysf*), rochas monzo a sienograníticas, com foliação milonítica, principalmente nas bordas dos corpos litológicos; e 7) Depósitos Sedimentares Inconsolidados (*Qsi*), constituídos por sedimentos aluvionares e coluvionares. Tais litotipos influenciam no arranjo geomorfológico da área, onde granitos e quartzitos perfazem os Maciços Residuais Cristalinos, enquanto xistos, gnaisses e sedimentos compõem a Depressão Sertaneja II. Estas unidades foram comparadas com a literatura geológica e associadas ao Complexo Granjeiro (*Agmuf*, *Aggn* e *Agqt*) e a Sequência Lavras da Mangabeira (*NPImx* e *NPImm*). As unidades *NPysf* e *Qsi* não têm correspondentes na literatura. As feições estruturais dúcteis abrangem, principalmente, foliação de transposição, foliação milonítica, bandamento gnáissico, xistosidade e lineação de estiramento de grão mineral (tectonitos L e LS). Os valores altos de *rake* sugerem cavalgamento com transporte de massa no sentido NW, enquanto que *rakes* baixos sugerem movimentação transcorrente. Estes últimos ocorrem ao longo de zonas de cisalhamento e os indicadores cinemáticos meso e microscópicos são predominantemente dextrais. As dobras podem ser classificadas como do tipo S e isoclinais e estão restritas a zonas de cisalhamento. Os veios de regime dúctil são intensamente deformados e podem estar segmentados, boudinados, rotacionados ou dobrados. As estruturas rúpteis incluem falhas inversas de meso a megaescala. São reconhecidas três famílias de fraturas, com orientações NW-SE, NE-SW e N-S, provavelmente formadas em regime coaxial. A partir destes dados, juntamente a descrição microscópica, um modelo evolutivo foi proposto. Este foi sequenciado em: 1) colocação de uma suíte TTG a partir da fusão de uma fonte máfica hidratada; 2) formação de quartzarenitos e/ou subarcósios; 3) evento tectonotermal riaciano-orosiriano, que resultou no metamorfismo regional na fácies anfíbolito alto e formação de gnaisses e quartzitos, com a inclusão, transporte e metamorfismo de rochas ultramáficas e migmatização de biotita gnaisses; 4) formação de uma discordância; 5) deposição das unidades pelíticas da bacia Lavras da Mangabeira; 6) magmatismo leucogranítico; 7) evento tectonotermal neoproterozoico (Ciclo Brasileiro), com metamorfismo regional na fácies xisto

verde (zona da granada), e a formação de granada-biotita xistos e metaleucosienogranitos; 8) extrusão lateral, formação de zonas de cisalhamento e metamorfismo dinâmico; 9) colocação de granitoides sin- a tarditectônicos ao longo de zonas de cisalhamento; 10) exumação, deformação rúptil e processos geomorfológicos-denudacionais. Os dados aqui apresentados podem direcionar estudos futuros na região. Neste sentido, estudos geocronológicos e geoquímicos são sugeridos, principalmente nas unidades Granito Serra do Furtado (*NPysf*) e Metaleucosienogranito (*NPImm*g).

PALAVRAS-CHAVE: TERRENO GRANJEIRO, LAVRAS DA MANGABEIRA, SERRA DO FURTADO.